

ENTRE A SOCIOLINGUÍSTICA E OS ESTUDOS DISCURSIVOS: O PROBLEMA DA AVALIAÇÃO BETWEEN SOCIOLINGUISTICS AND DISCURSIVE STUDIES: THE EVALUATION PROBLEM

*Cristine Gorski Severo*¹

RESUMO: O objetivo deste texto é apresentar, discutir e comparar sucintamente a noção de avaliação nos trabalhos de Bakhtin (e seu círculo) e de Labov. Para Bakhtin, a avaliação, como constitutiva do processo de produção de sentidos e da dinâmica de mudança semântica, se vincula às noções de ideologia, gêneros discursivos e expressividade. Já Labov elege a avaliação como um dos cinco problemas com os quais uma teoria empírica da variação/mudança deve lidar; para ele, a avaliação das variantes linguísticas opera como força tanto propulsora como estabilizadora da variação/mudança. Embora os dois teóricos pertençam a duas tradições diferentes, uma discursiva e outra empírica, defende-se que é possível identificar alguns pontos de diálogo e de aproximação entre eles. As reflexões aqui apresentadas recolocam em tela a clássica relação entre estrutura e sentido.

PALAVRAS-CHAVE: avaliação; variação linguística; significado; língua; discurso.

ABSTRACT: The aim of this text is to briefly present, discuss and compare the notion of evaluation in Bakhtin's (and his circle) and Labov's theories. For Bakhtin, evaluation is constitutive of the meaning making process and of the semantic change process and it is intrinsically related to the notions of ideology, discursive genres and expressive intention. Labov considers evaluation as one of the five problems that a language variation/change theory may deal with; for him, the linguistic variants' evaluation works as both centralizing and decentralizing forces in language variation/change process. Although Bakhtin and Labov belong to two different traditions, one philosophical and the other empirical, we believe that it is possible to find some points of contact and dialogue between them. This article deals with the classical relation between structure and meaning.

KEY-WORDS: evaluation; language variation; meaning; language; discourse.

PALAVRAS INICIAIS²

Weinreich, Labov e Herzog (1968) propuseram, na obra fundante das reflexões sociolinguísticas de tradição americana, cinco problemas a serem solucionados por uma teoria da variação/mudança linguística: restrição, transição, encaixamento, implementação e avaliação. Este artigo, ao se debruçar sobre o problema da avaliação, propõe uma articulação entre os trabalhos de sociolinguística variacionista e os trabalhos de Mikhail Bakhtin. Parte-se, com isso, de uma compreensão de língua em

¹ Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos/SP. Tem interesse nas seguintes áreas: estudos foucaultianos e bakhtinianos da linguagem, linguística geral e estudos de variação/mudança. Tem pesquisado os temas: interculturalidade, poder e processos de hibridação linguístico-discursivos. E-mail: crisgorski@gmail.com.

² Este artigo retoma e expande o trabalho "Estilo, variação linguística e discurso: Questões preliminares" apresentado no GT "Variação linguística, estilo e gêneros discursivos", no VI *Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais* (SIGET), realizado em Natal, 2011.

que estão em relação dois níveis de análise: um nível linguístico e outro discursivo. Ao primeiro vincula-se a dimensão estrutural, que é repetível, dicionarizada, estável, e compreende tanto os níveis linguísticos fonológico e morfossintático, como os significados reiteráveis. O segundo nível, discursivo, envolve as valorações sociais, no caso deste artigo, os significados sociais agregados às variantes linguísticas, em que as escolhas linguísticas são fortemente afetadas por uma dimensão valorativa e, portanto, ideológica. Trata-se, portanto, de explorar a dimensão valorativa inscrita nas escolhas e usos linguísticos, a partir de uma aproximação entre os trabalhos de Bakhtin e de Labov.

Conforme já mencionado em trabalho anterior (SEVERO, 2009), Bakhtin e Labov trilharam percursos teóricos diferentes: as condições de produção de seus discursos diferem amplamente. Basta fazer referência à evidente diferença entre as situações política e econômica da Rússia entre os anos 1920-1970, marcada por um período pós-revolução e socialista, e dos Estados Unidos a partir dos anos 1960, atravessado por políticas liberais e assistencialistas – o projeto de estudo do Inglês Afro-Americano, financiado pelo governo, se enquadra nessas políticas de inclusão, por exemplo (BRANDIST, 2003).

Contudo, essa evidente dissidência não parece ser obstáculo para se identificar semelhanças entre as condições de emergência das sociolinguísticas americana e soviética: Brandist (2003), se apoiando nos trabalhos de Koerner (1991) sobre o surgimento da sociolinguística americana, transpõe, com as devidas ressalvas, os componentes que integraram a teoria nos Estados Unidos para a abordagem soviética. Sucintamente, Segundo Koerner (*apud* Brandist, 2003), a sociolinguística americana teria sua origem constituída por (i) estudos europeus sobre dialetologia no final do século XIX e início do século XX; (ii) esforços em definir a linguística como ciência social ao invés de ciência natural; (iii) a experiência americana com situações de contatos linguísticos nos anos 1950 e a situação política do Inglês Afro-Americano (AAVE). Para Brandist, a sociolinguística soviética (anos 1920-1930) seria resultado de uma síntese entre (i) e (ii), diferindo da tradição americana em relação a (iii): na União Soviética, contou fortemente o papel democrático da política linguística no período da revolução, em que a relação entre as línguas foi tomada como bandeira de luta política.

A seguir, apresenta-se e discute-se a concepção de avaliação nos trabalhos de Bakhtin e de Labov. Defende-se uma articulação entre a abordagem sociolinguística variacionista e os estudos discursivos de base bakhtiniana.

1 BAKHTIN E A DIMENSÃO VALORATIVA DOS ENUNCIADOS

O conceito de língua para Bakhtin/Voloshinov se distancia da perspectiva empírica laboviana, uma vez que interessa aos pensadores russos a dimensão discursiva da língua, o que implica que a língua é vista como enunciado, ou seja, a dimensão semântica é prioritária para se refletir sobre o conceito de língua. Assim, em um contexto de aprendizagem de língua materna, por exemplo, os sujeitos não assimilam a língua do dicionário ou da gramática, mas sim do contexto de interação

verbal: “Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática lingüística.” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1929, p. 96). A porta de entrada para a aprendizagem de uma língua é, portanto, o sentido ideológico e não a significação dicionarizada ou formas normativas e decodificáveis, uma vez que se fala através de enunciados e não de palavras e estruturas neutras.

As seleções linguísticas (sintáticas, lexicais, fonológicas, prosódicas) feitas pelo falante são afetadas, segundo Bakhtin (1952-1953) (i) pelo gênero discursivo e, por tabela, pela esfera sócio-ideológica em que este gênero se inscreve; (ii) pela relação valorativa que os sujeitos estabelecem com o objeto discursivo. Essas duas dimensões se vinculam à noção de estilo na abordagem bakhtiniana e são afetadas por outras variáveis, como as relações dialógicas entre os enunciados, entre os sujeitos e entre os sujeitos e o mundo.

Sucintamente, a dimensão valorativa pode ser ilustrada em diferentes instâncias nos trabalhos de Bakhtin/Voloshinov e Bakhtin:

(i) Na relação entre *signo* e *ideologia*: “Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1929, p. 30). Ou seja, a dimensão valorativa é inerente ao domínio semiótico e, por isso, todo signo reflete e refrata uma realidade. Sua compreensão depende da relação que os signos estabelecem entre si, ou seja, da relação (de sentido) entre os signos ou entre os enunciados. A concepção de ideologia é material e não psicológica, o que significa que as valorações e avaliações (ideológicas) se inscrevem em uma dada materialidade, que é a linguística. Logo, a relação entre a dimensão valorativa e estrutural não é dicotômica, mas de mútua necessidade, uma vez que: “A significação é um aparato técnico para a realização do tema. Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa.” (1929, p. 132). Em outras palavras, a compreensão do sentido de um enunciado só é possível a partir da correlação entre a dimensão valorativa e ideológica (o tema) e a significação reiterável e compartilhada (significação). Embora essa relação seja posta como necessária, Bakhtin/Voloshinov não aprofundam a natureza e a especificidade desta relação.

(ii) Na relação entre *ideologia do cotidiano* e a *obra literária*, uma vez que a obra se mantém viva e permanente na medida em que ela é afetada e absorvida pela ideologia do cotidiano, sendo esta entendida como “a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana” (1929, p. 121), diferente da ideologia oficial, composta pelos sistemas ideológicos estabilizados (artes, religião, ciência, sistema jurídico, etc.). Note-se que Bakhtin vincula a sobrevivência da obra literária na grande temporalidade à relação de valor que é estabelecida entre o sujeito, nas esferas cotidianas, e o texto estético, ao invés de vinculá-la aos sistemas formalizados e, nesse contexto, ao cânone literário.

(iii) Na concepção de *mudança linguística*: Uma vez que Bakhtin/Voloshinov prioriza a dimensão semântico-ideológica da língua, a porta de entrada para se pensar

a mudança linguística é a dimensão avaliativa e não a estrutura linguística. Para o autor russo, toda mudança é uma reavaliação, ou seja, o deslocamento da palavra de um contexto apreciativo para outro. Assim:

É justamente para compreender a evolução histórica do tema e das significações que o compõem que é indispensável levar em conta a apreciação social. A evolução semântica na língua é sempre ligada à evolução do horizonte apreciativo de um dado grupo social e a evolução do horizonte apreciativo – no sentido da totalidade de tudo que tem sentido e importância aos olhos de um determinado grupo – é inteiramente determinada pela expansão da infra-estrutura econômica. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1929, p. 139).

Com isso, deduz-se um certo percurso da variação/mudança: relações de produção/econômicas → avaliações dos grupos sociais → tema → significação → formas da língua³. É a partir de mudanças nas relações sociais que a mutabilidade semântica e, por fim, estrutural, se torna possível. A relação entre a nova significação e a antiga não é unidirecional, mas dialética, uma vez que “uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la.” (1929, p. 139). E essa relação dialética é a base do processo de variação, já que seu “resultado é uma luta incessante dos acentos em cada área semântica da existência.” (idem); trata-se da variação linguística motivada por uma luta entre valorações sociais diferentes.

Por outro lado, a reacentuação e a reavaliação também podem ocorrer no nível micro das relações dos sujeitos com o objeto discursivo, ou naquilo que Bakhtin vai denominar de transformação da palavra alheia em palavra própria. As palavras alheias, ao serem reacentuadas e reestruturadas pelo locutor, podem se tornar próprias, mas isso ocorre “no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual.” (BAKHTIN, 1952-1953, p. 314).

(iv) Na concepção de *gêneros discursivos*: Segundo Bakhtin, toda produção verbal ocorre através de um dado gênero discursivo, o qual é afetado pela dimensão sócio-ideológica em que se insere. O gênero é entendido como formas relativamente estáveis de comunicação verbal, sendo composto pelo tema (do que se trata), da forma composicional (de que maneira se organiza estruturalmente) e pelo estilo (como os enunciados se materializam nas escolhas linguísticas). Estando o gênero vinculado, necessariamente, a um dada esfera sócio-ideológica, ele também é afetado por restrições impostas por tal esfera: “Os gêneros do discurso são, em comparação com as formas da língua, muito mais fáceis de combinar, mais ágeis, porém, para o indivíduo

³ Embora esta citação evidencie uma relação de causalidade unidirecional, essa visão não é determinante nos trabalhos de Bakhtin, o que fica claro em relação a dois aspectos: (i) a relação entre a realidade e as ideologias: para o filósofo russo, a ideologia não é apenas determinada pelas condições concretas, mas também determinante destas; (ii) o lugar central conferido à dimensão econômica como reguladora das relações: embora a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* mencione reiteradamente os efeitos da esfera econômica e das relações de produção nas formas de comunicação verbal, nota-se nos escritos posteriores de Bakhtin, que essa centralidade vai sendo dissolvida especialmente pelas idéias de forças operantes sobre a língua e pelo dialogismo. (SEVERO e PAULA, 2010).

falante, não deixam de ter um valor normativo: eles lhe são dados, não é ele que os cria.” (BAKHTIN, 1952-1953, p. 305). E se a dimensão avaliativa (o horizonte apreciativo) se inscreve nos gêneros, esses só podem ser vistos como “correias de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero” (Ibid., p. 286).

Os sujeitos tendem a compartilhar avaliações sociais mais normativas sobre os usos e escolhas linguísticas quando seu projeto discursivo se realiza através de gêneros vinculados a esferas ideológicas mais formais e estabilizadas. Por exemplo, os gêneros da esfera acadêmica tendem a impor fortes restrições sobre as escolhas linguísticas a partir das valorações que os sujeitos nessas esferas compartilham sobre os usos linguísticos. Diferentemente, os gêneros vinculados às esferas literárias tendem a impor uma força normativa menor sobre as escolhas linguísticas, abrindo mais possibilidades para a criatividade linguística, como é o caso de uso de neologismos e de fenômenos de hibridismos entre diferentes línguas – certas literaturas pós-coloniais, por exemplo, mesclam as línguas locais e a língua do colonizador como bandeira de identidade e de resistência (SEVERO, 2011).

(v) Na concepção de *expressividade*, o que se associa ao item anterior: tal concepção, que afeta o estilo e a composição do gênero, trata da relação valorativa que os sujeitos estabelecem com os enunciados, o que é afetado pelo gênero e pela esfera ideológica. A expressividade se materializa em diferentes níveis linguísticos, desde a entonação até a seleção lexical:

A língua enquanto sistema dispõe, claro, de um rico arsenal de recursos linguísticos – lexicais, morfológicos e sintáticos – para expressar a posição emotivo-valorativa do locutor, mas todos esses recursos, na qualidade de recursos linguísticos, são absolutamente *neutros* no plano dos valores da realidade. (BAKHTIN, 1952-1953; grifo do autor, p. 309).

Além do gênero, a expressividade também se liga ao locutor. As apreciações dos sujeitos sobre a língua não são individuais, mas expressam um horizonte social mais amplo. Toda forma de avaliação carrega/produz uma dada identificação social, assim, valoração e constituição das identidades estão implicadas. A expressividade do enunciado também é afetada pela concepção de destinatário e pelos outros enunciados que se voltam, de diferentes maneiras, ao mesmo tema. Logo, funciona como uma resposta a outros enunciados, uma vez que a expressividade carrega uma dada significação ideológica: “A resposta transparecerá nas tonalidades do sentido, da expressividade, do estilo, nos mais ínfimos matizes da composição.” (Ibid., p. 318).

Tendo feito esse resgate da noção de avaliação nos trabalhos de Bakhtin, em especial no *Marxismo e Filosofia da linguagem* (1929) e nos escritos sobre gêneros discursivos (1952-1953), passa-se, a seguir, a tratar da dimensão valorativa na ótica da sociolinguística variacionista.

2 Sociolinguística laboviana e o problema da avaliação

Assim como Bakhtin, Labov (1972) rejeita tanto a perspectiva estática e homogênea existente na abordagem estrutural de Saussure, como a localização da língua na psique individual e o conseqüente apagamento da sua dimensão social-interacional (1968). Trata-se, para o sociolinguista, de ver a língua como um fato social, uma estrutura heterogênea e cuja variabilidade e mudança se aliam a fatores de ordem social, estilística e linguística. É clara a filiação de Labov aos trabalhos de Meillet, especialmente quanto à concepção de que a língua é tida como um reflexo da estrutura social. Esta filiação é evidente já no primeiro trabalho sociolinguístico que funda os princípios empíricos para uma teoria da mudança linguística (1968), até os escritos mais recentes de Labov (2010) em que uma citação de Meillet é reproduzida para atestar a relação entre língua e sociedade, que funda uma concepção de co-variação (sistemática) entre essas duas realidades:

The only variable to which we can turn to account for linguistic change is social change, of which linguistic variations are only consequences [. . .] We must determine which social structure corresponds to a given linguistic structure, and how, in a general manner, changes in social structure are translated into changes in linguistic structure.⁴ (MEILLET 1921 *apud* LABOV, 2010, p. 185).

Mais especificamente sobre o problema da avaliação, este se fundamenta no princípio laboviano de que “o nível da consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem que ser determinada diretamente” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968, p. 124). E essa consciência social transcende, segundo Labov (1972), uma simples reprodução do comportamento linguístico de pessoas em posições hierárquicas superiores, como teria proposto Bloomfield. Diferentemente, Labov (1972) levantou o problema a partir da indagação de uma informante pertencente à classe média sobre o motivo de usar uma dada variante mesmo não tendo essa intenção. Além disso, algumas de suas pesquisas mostraram que as mulheres tendem a assimilar as formas inovadoras mais rapidamente que os homens, e os adolescentes são fortemente suscetíveis a mudarem seu comportamento linguístico em decorrência da influência dos seus pares. Evidentemente, todas essas questões estariam ligadas ao problema da avaliação e, por tabela, a uma dada dinâmica das relações sociais.

O nível de consciência dos valores sociais das variantes linguísticas não é estável, sempre evidente e, tampouco, homogêneo para todos os grupos sociais⁵: o

⁴ A única variável a que podemos recorrer na mudança linguística é a mudança social, da qual as variações linguísticas são apenas conseqüências [...] Nós devemos determinar qual estrutura social corresponde a uma dada estrutura linguística e de que maneira, de forma geral, as mudanças na estrutura social são traduzidas em mudanças na estrutura linguística” (MEILLET, 1921 *apud* LABOV, 2010, p. 185). As traduções no texto são de minha responsabilidade.

⁵ Nas palavras de Labov (1966, p. 130): “The scale of evaluation need not be linear: there can be, for instance, many lines of descent from one highest ranking group, or many lines of ascent from a lowest

significado social não é compartilhado da mesma forma por todos os indivíduos, uma vez que os sujeitos, dependendo do seu horizonte avaliativo, dos gêneros discursivos que utilizam e das esferas ideológicas em que se enquadram, são levados a avaliar diferentemente as variantes linguísticas. Há, ainda, variantes que não carregam nenhuma valoração social explícita, sendo usadas pelos sujeitos sem que haja um conhecimento compartilhado evidente. Os diferentes níveis de percepção e valoração social das variantes foram sistematizados, por Labov (1972), em três conceitos – os estereótipos (de ampla avaliação), os marcadores (de avaliação mediana) e os indicadores (pouca força avaliativa). A heterogeneidade das avaliações tanto reflete como produz a estratificação social.

A variação linguística motivada pela avaliação das variantes está associada à noção de variação estilística, em que as escolhas linguísticas são afetadas pela relação entre os interlocutores, o contexto social mais amplo e o tópico (LABOV, 2003). A variação estilística, que se evidencia pelo monitoramento da fala, não se reduz ao sentido referencial das variantes ou, em termos bakhtinianos, à significação, mas vincula-se ao que Labov chama de comportamento expressivo, que só é possível porque o sujeito pode dizer a mesma coisa, com o mesmo valor referencial, de diferentes maneiras. Tem-se, com isso, duas dimensões semânticas implicadas na variação estilística: a dimensão referencial e a dimensão expressiva. É em torno dessa segunda dimensão que se defende a proposta de aproximação com os estudos discursivos. A dimensão expressiva, que caracteriza o significado social acoplado às variantes linguísticas, diz respeito, em termos bakhtinianos, à relação valorativa que os sujeitos estabelecem com o objeto discursivo. E tal dimensão é tanto afetada pelo gênero discursivo e a esfera à qual o gênero se vincula, como pela concepção de destinatário, a finalidade discursiva e as relações dialógicas entre os enunciados (o oferecimento de respostas aos enunciados que nos interpelam).

3 PALAVRAS FINAIS

Nota-se que a dimensão expressiva laboviana dialoga com a dimensão individual do estilo bakhtiniano, ou seja, com a relação valorativa que os sujeitos estabelecem com o objeto discursivo, o que fica mais evidente nos gêneros menos padronizados e circulantes pelas esferas literária e cotidiana. Contudo, como fica a variação estilística tomando as restrições estilísticas impostas pelo gênero discursivo? Ou seja, como ficam as escolhas dos recursos da língua, entre elas as variantes linguísticas, quando a motivação para tanto é posta pelas restrições de gêneros mais (ou menos) padronizados e culturalmente cristalizados?

Uma hipótese para a incorporação da dimensão dos gêneros discursivos aos estudos da variabilidade linguística pode ser levantada a partir dos trabalhos recentes de Labov (2010) sobre os fatores culturais e cognitivos atuantes na variação/mudança linguística. Sucintamente, o sociolinguista visa desmembrar o que no volume II,

ranking group [...] The social variable need not to be conceived as socio-economic class, though this is the usual association of the terms social estratification.”

voltado para as causas sociais da mudança linguística, o autor chamou de “abstract polarities which may take the same form in many widely separated communities” (apud LABOV, 2010, p. 03)⁶. Trata-se de compreender tais polaridades abstratas como fatores culturais que atuariam de forma mais ampla e geral do que os fatores sociais. Nas palavras de Labov (idem, p. 04): “*Cultural factors will designate the association of linguistic change with broader social patterns that are partly, if not entirely, independent of face-to-face interaction.*”⁷

Embora Labov desvincule (não totalmente) os fatores culturais das interações face-a-face, nas quais recairiam os fatores sociais (gênero, escolaridade, etnia, classe, etc.), acredita-se que aqueles fatores imporiam restrições sobre os projetos discursivos dos sujeitos. Em outras palavras, se propusermos uma interpretação desses fatores culturais à luz dos gêneros discursivos de Bakhtin, seria possível aventar a possibilidade de as restrições culturais serem postas pelos próprios gêneros discursivos? Uma vez que os gêneros são formas relativamente estabilizadas de interação verbal, tais formas tenderiam a ser reproduzidas como formas (relativamente) culturalmente padronizadas. É claro que, para Bakhtin, há formas mais ou menos cristalizadas, estando todas elas sujeitas à mudança, mas isso não impede de se pensar em um nível de restrição aos projetos discursivos que se ligue a modos históricos e culturais de formas de comunicação que tendem a se estabilizar. Para Bakhtin, tais restrições dos gêneros não são de natureza cognitiva, mas social, ideológica e dialógica.

Este trabalho, ao propor uma aproximação entre os estudos discursos e de variação/mudança linguística a partir do problema da avaliação coloca as seguintes questões: Quais as motivações discursivas – ideológicas, avaliativas – para que uma dada variante seja usada? De que forma as escolhas linguísticas operam como bandeira de luta política, como por exemplo, no caso das línguas hibridizadas em contextos pós-coloniais? Ou, ainda, como as variantes linguísticas assumem um significado social? Esta questão se vincula à própria constituição, manutenção e mudança da norma linguística. Logo, um estudo das avaliações linguísticas implica, também, uma expansão da compreensão de como a norma se constitui e se legitima discursivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* [1929]. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

_____. Os gêneros do discurso [1952-53]. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDIST, Craig. The origins of Sovietic sociolinguistics. *Journal of sociolinguistics*, 7/2, 2003. p. 213-231.

⁶ “polaridades abstratas que podem assumir a mesma forma em muitas comunidades bastante distantes” (apud LABOV, 2010, p. 03)

⁷ “Fatores culturais designarão a associação entre mudança linguística e padrões sociais mais amplos que são parcialmente, senão inteiramente, independentes da interação face-a-face.”

KOERNER, Konrad. Toward a History of Modern Sociolinguistics. *American Speech*, 66/1, 1991. p. 57-70.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos* [1972]. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Ed. Parábola, 2008.

_____. *The Social Stratification of English in New York City* [1966]. 2a edição. University of Pennsylvania, 2006.

_____. Some sociolinguistic principles [1969]. In: C. B. PAULSTON & G. R. TUCKER (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. *Principles of Linguistic Change: Cultural e Cognitive Factors*, vol. III. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

SEVERO, Cristine Gorski. O estudo da linguagem em seu contexto social: um diálogo entre Bakhtin e Labov. *DELTA*, São Paulo, v. 25, n. 2, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502009000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 de junho de 2011.

_____. Línguas e discursos: Heterogeneidade linguístico-discursiva e poder em Angola. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, v. 15, p. 19-46, 2011.

SEVERO, Cristine Gorski; PAULA, Adna Cândido de. *No mundo da linguagem: Ensaios sobre identidade, alteridade, ética, política e interdisciplinaridade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvim I. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística* [1968]. Trad. Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Ed. Parábola, 2006.